

A RETERRITORIALIZAÇÃO DA FESTA CAMPINENSE: UM OLHAR PARA A CIVILIDADE DO BALANÇA CAMPINA, EM CAMPINA GRANDE – PB

Francisco Denílson Santos de LIMA¹

Alcindo José de SÁ²

RESUMO

Vivenciamos na sociedade contemporânea um mundo caótico, onde a civilidade é cada dia mais esquecida. Distanciamos-nos de um movimento marcante em direção ao ser humano, à medida que a solidariedade, a moral, a ética e a cidadania são relegadas. Eventos fortemente divulgados pela mídia são alguns dos exemplos. O Balança Campina, que substituiu a Micarande em Campina Grande ano passado, reafirmou em sua primeira edição tais caracteres. O capital empresarial, com o apoio do poder público, promove a festa em espaços públicos, porém, com acesso restrito aos foliões pagantes. Nesse novo modelo, grades de ferro substituem as cordas, não só dificultando o acesso, como, também, impedindo os que não podem pagar de transitarem no espaço. A festa tem sua constituição interior baseada em separação de classes, de acordo com o poder aquisitivo de cada folião. Dois blocos, os foliões VIP'S e os foliões Pista, se separam por grandes baixas sob o comando de seguranças contratados pela organização. Dessa forma, o espaço da festa é contaminado por um aterrorizado déficit democrático. É uma espécie de guerra bárbara, fruto da carência de normas e princípios de legalidade a quem se recorrer, já que o poder público apóia esse tipo de festa. Assim, pretendemos, nesse artigo, analisar o Balança Campina e suas formas de acesso e participação, bem como o conteúdo de sua civilidade e relaciona-lo à Micarande e seu modelo. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica, pesquisa “*in loco*”, aplicação de entrevistas e questionários com os foliões e com a organização do evento, como também um registro fotográfico. Considera-se que o evento é constituído de territorialidades, cujo elemento principal é o dinheiro, o qual é o grande divisor de grupos e empecilho na participação dos desprovidos. A liberdade e a imobilidade se confundem e se contradizem nos espaços da festa; marcadas por relações de poder e repletas de códigos, signos e significados, porém sem normas civilizadas.

Palavras-chave: Civilidade, barbárie, festa, Micarande, Campina Grande, Balança Campina.

ABSTRACT

We live a chaotic world in the contemporary society, where the civility is each day more forgotten. We distance ourselves of an outstanding movement towards the human being, while the solidarity, the moral, the ethics and the citizenship are relegated. Events strongly spread by the media are some of the examples. The “Balança Campina”, which substituted the “Micarande” at Campina Grande last year, reaffirmed in its first publication such

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco e Bolsista do CNPq. E-mail: denilsonlima123@hotmail.com.

² Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: alcindro_sa@uol.com.br.

characters. The business capital, with the support of the public power, promotes the party in public spaces, however, with limited access to the people whom pay. In this new model, grills from iron substitute the ropes, not only making difficult the access, how, also, obstructing those who cannot pay of going in the space. The party has his inner constitution based on separation of classes, in accordance with the purchasing power of each people. Two blocks, the people VIP and the people of Pista, separate for great decreases under the command of security guards contracted by the organization. In this form, the space of the party is contaminated by a terrified democratic deficit. It is a sort of barbaric war, result of the lack of standards and beginnings of legality to whom resorting, since the public power support this type of party. So, we intend, in this article, to analyze the “Balança Campina” and his forms of access and participation, as well as the content of his civility and to make a list of it to the “Micarande” and its model. For that, a bibliographical revision was carried out, to investigates “in loco”, application of interviews and questionnaires with people and with organization of event, like also a photographic register. It is considered that the event is constituted of territorialities, whose major element is the money, which is the great divisor of groups and hindrance in the participation of the deprived ones. The freedom and the immobility get confused and contradict themselves in the spaces of the party; landmarks for power relations and are replete of codes, signs and meanings, however without civilized patterns.

Key words: Civility, barbarism, party, “Micarande”, Campina Grande, “Balança Campina”.

1. CIVILIDADE OU BARBÁRIE? AS CONTRADIÇÕES DA SOCIEDADE MODERNA

Conviver e tolerar a diferença do outro talvez tenha sido uma das maiores dificuldades da sociedade moderna (ou pós- moderna), onde a civilidade (algo simples) é cada vez mais incomum. Segundo o Wikipédia, civil vem do latim *civile*, que designava o habitante da cidade *civitate*. Quando a humanidade se defrontou com o raciocínio, logo com a inteligência, e realmente teve a consciência do "Eu", houve a necessidade do respeito mútuo, do respeito ao outro. Começou então a codificação de civilidade, isto é, regras de convívio social que no início eram somente de respeito do inferior para com seu superior, hierárquico ou sexual, como nos animais irracionais.

Para Buarque de Holanda, a definição de civilidade é proporcional à ética, à modernidade, à renovação, à educação, pois o indivíduo que tem como prerrogativas a civilidade é, e deve ser, cordial, ético e principalmente educado, tanto nas ações quanto no comportamento. Os códigos morais regem a conduta dos membros de uma comunidade, de acordo com princípios de conveniência geral, para garantir a integridade do grupo, a convivência pacífica e o bem-estar dos indivíduos que o constituem. Assim, o conceito de pessoa moral se aplica apenas ao sujeito enquanto parte de uma coletividade. Portanto, moral coaduna com ética e respeito, e estes são a base de qualquer grupo civilizado. No

pensar de Ortega y Gasset (2002, p.172) civilização é, antes de tudo, vontade de convivência. Somos incivis e bárbaros na medida em que não contamos com os demais. Já a barbarie é a tendência à dissolução. E, assim, todas as épocas bárbaras foram tempos de desagregamento humano, onde pululam os pequenos grupos separados e hostis. Ou seja, bárbarie é a ausência de normas e da possibilidade de apelação.

Em sua obra modernidade líquida o sociólogo polonês Zegmunt Bauman questiona:

O que significa, então, dizer que o meio urbano é “civil” e, assim, propício à prática individual da civilidade? Significa, antes e acima de tudo, a disponibilidade de espaços que as pessoas possam compartilhar como personagens públicas – sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar se ir” “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, sonhos e angústias. Mas, também, significa uma cidade que se apresenta a seus residentes como um bem comum que não pode ser reduzido ao agregado de propósitos individuais e como uma tarefa compartilhada que não pode ser exaurida por um grande número de iniciativas individuais [...] (BAUMAN, 2001, p.112).

Ainda, segundo o autor supracitado:

A civilidade, como a linguagem, não pode ser “privada”. Antes de ser tornar a arte individualmente aprendida e privadamente praticada, a civilidade deve ser uma característica da situação social. É o entorno urbano que deve ser “civil”, afim de que seus habitantes possam aprender as difíceis habilidades da civilidade (BAUMAN, 2001, p.112).

A socialização (pelo menos na sociedade moderna) visa criar um ambiente de ação feita de escolhas passíveis de serem desempenhadas discursivamente, que se concentra no cálculo racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação (SÁ *apud* BAUMAN, 1997, p.138). Vivemos na sociedade das regras: regras de conduta, de bem viver, de comportamento, de tolerância e respeito com o “cidadão”, com o consumidor, com o trabalhador, com o meio ecológico, com a família, a comunidade, o Estado-nação, etc. Apesar disso, vivemos uma guerra bárbara, fruto da carência efetiva de normas, princípios de legalidade a que se recorrer. A realidade da sociedade moderna é moldada por

relações sociais mediadas por grades, portões, cercas elétricas, muros altos, câmeras, guaritas, cães de guarda, pregos, vidros e outros símbolos de imobilidade, que representam busca por segurança e proteção frente a fragilidade, incapacidade ou negligência do poder público para o cumprimento de seus deveres, diante de uma onda de violência e barbarie que assola e se difunde em todo o mundo. Ao abordar esse assunto, Sá (2009, p.17) ressalta que:

[...] A cidade parece viver um impasse: a “elite” e a classe média não cedem e se fecham nos seus condomínios; a outra parte da população (a maioria) se tranca nos “guedos” e suas “casas”. A convivência - quando há - agora é cada vez mais virtual e os vínculos de socialibilidade vão se esmaecendo. Enfim, depois da razão (virtual) ter triunfado e vivermos em uma pós- modernidade na qual todas as “tribos” buscam comungar (pelo menos nas infovias, internet, celular), paradoxalmente, nunca fomos tão carentes de cavernas. Na disputa entre a liberdade e segurança, nossa(s) cidade(s) parece ter optado pela segunda (de preferência bem armada e treinada).

Na sociedade do consumo, o “eu” se confronta com o “outro”; o consumidor com o cidadão; a pobreza com o luxo; o bem contra o mal. O “tudo pode”, o “salve-se quem puder”, o “e eu com isso?”, a competição desfreada e a voracidade de crescer a qualquer custo, sem padrões humanitários e éticos, com a supressão da solidariedade e o desrespeito ao próximo, aliada à tirania do dinheiro e da informação nos levam a pensar que descambamos para a selvageria, precisamos voltar às cavernas ou voltamos ao canibalismo, já que a convivência (harmoniosa) e a tolerância do peso da diferença do outro que caracterizam a civilidade praticamente inexistem, diante de tanta ganância, egoísmos, narcisismos e outras coisas que dificultam um convívio social saudável e o exercício da democracia e da civilidade.

2. CAMPINA GRANDE: A CIDADE E SEU POTENCIAL FESTIVO

Reconhecida nacionalmente pelo seu potencial para a realização de festas, Campina Grande, segunda maior cidade do estado da Paraíba, possui um calendário turístico rico e diversificado: O Encontro para a Nova Consciência, a Consciência Cristã, realizado durante o período carnavalesco, o Maior São João do Mundo, que é realizado durante 30 dias consecutivos entre os meses junho e julho, o Festival de Inverno, realizado em Agosto

e o festival de violeiros, sem data definida. Até 2008, a Micarande (Fig. 1), carnaval fora de época de Campina Grande, também fazia parte desse calendário.



Figura 1. O São João de Campina Grande. Fonte: <http://www.portalsol.net/o-maior-sao-joao-do-mundo>.

Ela surgiu em 1990, através da iniciativa do então prefeito Cássio Cunha Lima. Campina Grande foi a primeira cidade fora do estado da Bahia a promover um carnaval fora de época com estrutura comercial padronizada e inspiradas nas micaretas do interior da Bahia e nos formatos americanos e europeus de carnaval, servindo-se de exemplo para algumas capitais próximas, como Recife (Recifolia), Natal (que resolveu promover o Carnatal em 1991) e Fortaleza (com o Fortal, realizada pela primeira vez em 1992). O nome da festa surgiu da fusão das três primeiras letras da palavra Micareta com as cinco últimas letras do nome da cidade (Campina Grande). Sob o slogan “Micarande: O Melhor Carnaval em Campina Grande” e posteriormente conceituando-se também como promessa básica de se tornar “o carnaval dos carnavais”, a proposta da festa baseou-se nas idéias de dinamicidade e inovação e seus objetivos pautam-se na promoção de uma festa grandiosa, participativa, democrática e popular, onde integrasse diversão, alegria e entretenimento entre os campinenses e o público em geral através da mistura de ritmos, culturas, pessoas e atrativos diversos. Buscou-se consolidar o turismo de eventos na cidade (somando-se ao maior São João do mundo) e fortalecer a economia local, através da geração de emprego e renda. Como fábrica de sonhos, com toda a sua magia, grandiosidade e poder de encantar e convencer a Micarande conquistou espaço na mídia, se projetando nos meios de comunicação com um dos maiores eventos da Paraíba e um dos melhores, mais animados e inovadores do país. Desde sua primeira edição ela foi promovida pelo poder público em

conjunto com setores privados. A participação do poder público se dava de diferentes formas, desde a realização de diversas tarefas, por meio de auxiliares e funcionários públicos ou contratados, até a preparação, organização e patrocínio para o evento. Já a participação da iniciativa privada se dava no patrocínio oficial do evento sob forma de cotas que permite aproveitar espaços para propaganda e também através dos blocos, por meio da venda de abadá (vestimentas dos foliões). Da sua criação, até o ano passado (2008), a Micarande (Fig. 2) foi realizada durante quatro dias do mês de Abril, sendo seu percurso médio de 5 km, iniciando na Avenida Brasília (local de concentração dos foliões) até o corredor da folia, no parque do Povo (local de concentração e fixação dos foliões e palco da apoteose a festa). Luzes (Fig. 3), arquibancadas, camarotes e trios elétricos com direito a coreografia ensaiada e uniformizada (os abadá) conduziam o encanto do evento, que é acobertado pela mídia e pelo discurso político em forma de teatro com direito a aplausos, gritos e apitos, num clima de novela no seu final, onde apenas a alegria reina e o medo e a violência perdem seu espaço.



Figura 2. Micarande no Parque do Povo. Fonte: <http://www.onorteonline.com.br/especial/micarande/2006/imagens/evento.jpg>.



Figura 3. Circuito da Folia – As luzes que encantam. Fonte: http://www.pmcg.pb.gov.br/imagens/acude_noite.jpg.

Em escala nacional, durante as décadas de 1980 e 1990 o Brasil, em especial a região Nordeste, adere as micaretas: o Recifolia (em Recife), Carnatal (em Natal), Fortal (Fortaleza), Pré- Caju (Aracajú), a Micarola (João Pessoa), Maceió *Fest* (Maceió), Micarina (Teresina) entre outras, são exemplos desse ritual festivo. O axé *music*, principal ritmo das micaretas, tornou-se “febre” na década de 1990, chegando a responder a 13% das vendas de disco no país. Apesar disso, quase todas elas não resistiram aos desafios impostos pela globalização da economia, diante dos altos custos demandados e sofreram mudanças significativas. Algumas delas se extinguíram enquanto outras foram totalmente privatizadas, passando a se realizar em locais fechados (*in door*), atraindo um público mais seletivo (pessoas que podem pagar para participar). O Recife *Indoor* (Recife), *Fest Verão* (em João Pessoa), Maceió *Fest* (em Alagoas), o Marafolia (São Luís), Festival de verão (Salvador), Olinda *Beer* (Olinda – PE) são provas disso. A Micaranda também não resistiu às mudanças do mundo contemporâneo globalizado e suas exigências e foi extinta em 2009, sendo implicitamente substituída pelo Balança Campina, um evento *indoor*. A diferença deste em relação aos demais é a sua privatização, que ocorre em espaço público (no Parque do Povo). Nesse contexto, o espaço passa a tornar-se mercadoria gerando divisão de classes sociais, fenômeno esse muito comum nesse tipo de evento em que o espaço é exposto enquanto objeto de consumo e delimitador de *status* social (RODRIGUES, 2007, p.17).

3. BALANÇA CAMPINA: AS NOVAS TERRITORIALIDADES DA FESTA CAMPINENSE

Em 1965, em sua obra *A Cidade na História*, Mumford destacava que festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de “sociabilidade”. Passados quase meio século após essa afirmativa, observamos cotidianamente festas realizadas em diversos pontos do planeta com conteúdos bem distantes daqueles que o autor afirma serem sinônimos de civilização e sociabilidade. A festa se realiza e com ela novos códigos e significados são construídos, dependendo do espaço e do tempo em que se realiza. Nesse processo de (re)criação e (re)invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresários, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se bastante acentuado (BEZERRA, 2004, p.4). Essas reflexões envolvendo a festa a cidade e o seu conteúdo se

intensifica à proporção que nos deparamos com situações intrigantes e contraditórias. A Micarande e o Balança Campina (Fig. 4) são tipos de festas dignas de reflexões críticas quanto aos seus conteúdos morais, sociais e civis. A criação e reinvenção das festas, muitas vezes, estão ligadas a um processo de espetacularização da política, servindo de estratégia para divulgar uma boa imagem dos políticos nos palcos da festa, e também comercial e empresarial, visando divulgar e vender produtos e serviços e promover marcas e imagens.



Figura 4. Chiclete com Banana em um dos Palcos do Balança Campina. Fonte:www.tazaqui.com.br.

Na circunstância histórica instrumental do “homem-coisa”, do “homem objeto”, a festa é comumente teleguiada por objetos quase “perfeitos”(palco, portões de acesso- ou impedimento-, vestimentas...) que conduzem sua apoteose, se espalhando de forma violenta no espaço público urbano, onde o “eu posso” é manifestado de maneira forte por grupos seletos. Este é o caso do Balança Campina, objeto deste trabalho.

O Balança Campina teve sua primeira edição ano passado (2009) durante um dia do mês de novembro (dia 15), com dez horas médias de duração (começando às 17 horas do dia 15 – em um domingo- e finalizando às 2 horas da manhã do dia seguinte). O evento é uma iniciativa privada, que conta com o apoio do poder público (em troca da divulgação de nomes de políticos) e com o patrocínio de empresas, que recebem em troca a divulgação de suas marcas. Ele surgiu como alternativa de substituição da Micarande, micareta tradicional da cidade há 18 anos, que teve sua última edição em 2008 sendo extinta em virtude da diminuição do público e do crescente desinteresse do capital empresarial em patrocinar o evento, que demandava altos custos. A base musical da festa é o axé *music* (apesar de existir uma maior mistura de ritmos em relação à Micarande) e a base territorial o espaço público, o Parque do Povo, com uma área de 43,5 mil metros quadrados, onde os blocos da Micarande se fixavam, se apresentavam e formavam o “Corredor da Folia”. Dois

palcos, um mini trio elétrico, um camarote (para os Vip's) e um conjunto de grades baixas de ferro (que separam os blocos) compõem o aparato técnico-científico da festa em seu interior enquanto altas grades de ferro se encarregam (junto com seguranças particulares) de proteger o espaço no seu exterior, permitindo ou impedindo a entrada de foliões. Ou seja, mesmo sendo realizado em espaço público, portanto de livre acesso e direito de todos na forma de lei, só participam da festa àqueles que compraram os abadás (vestimentas da festa), os consumidores do espaço (e não os cidadãos). Nesse contexto, o espaço público torna-se mercadoria, dividindo classes, separando grupos e excluindo pessoas. Ele (o espaço) é exposto enquanto objeto de consumo e delimitador de *status* social. É uma privatização do público pelo privado conhecido e apoiado pelo poder público. Nesse sentido Silva (1991, p.125 *apud* VIERGAPOULOS 1977, p.139) acrescenta que:

A existência desse espaço é sinônimo da existência das classes sociais. Assim como, estas sofrem uma determinação histórica o mesmo acontece com o espaço geográfico. As classes se reproduzem obedecendo aos ditames do capital que não se desenvolve obedecendo a uma lógica desenvolvimentista, mas a uma lógica contraditória qual produz “espaços heterogêneos”, desiguais e irregulares.

Além de seletista e excludente, o Balança Campina tem sua constituição interior baseada em separação de classes através de dois tipos de espaço: O Vip e a Pista. O primeiro possui uma área maior embora com quantidade menor de pessoas. Localiza-se próximo aos palcos, e possui um camarote, onde os foliões podem ver melhor os artistas. É reservado para os foliões de maior poder aquisitivo. A cor (azul) serve de referência de diferenciação e permissão da entrada e saída de foliões no espaço, protegido por seguranças e grades de ferro. O custo médio de abada é três vezes superior ao da pista (custou aproximadamente R\$ 80,00, variando de acordo com o dia e com o vendedor ambulante). Já o espaço Pista é destinado a abrigar os foliões de menor poder aquisitivo. O espaço é menor e o público é maior. O custo médio do abada era R\$ 25,00. A cor (vermelha) delimitava visivelmente os espaços deste grupo.



Figura 5. Balança Campina no Parque do Povo. Fonte: www.tazaqui.com.br.

Os diferentes sentimentos de pertencimento aos grupos foram facilmente identificados durante a festa e comprovados por alguns foliões entrevistados.

Em termos de segurança, eu não me senti à vontade. Senti-me inseguro e o tempo todo preocupado. Não tinha muito policiamento no meu espaço(pista) enquanto isso, sentí que o camarote tava muito mais separado e seguro. Isso se deve ao preço que você ta pagando. Eu paguei R\$ 25,00. A diferença é muito grande entre a pista e o espaço vip. Lá vai mais a classe média e alta. A segurança e a liberdade são diferenciadas. A gente da pista sofre preconceito pelo preço que a gente ta pagando. O pessoal da área vip se acha superior e passa pro nosso lado e a gente não pode passar pro lado deles, porque pagamos menos (VALDIR CALISTO, folião da pista).

Em entrevista com os foliões constatamos que os principais motivos que levaram os foliões da pista ao espaço do bloco foram as condições financeiras (lá é mais barato), o ciclo de amizades (pessoas com o mesmo padrão de consumo) e por ser a única opção de divertimento e lazer de acordo com as suas condições. Já os “vip’s” optaram pelo espaço em busca de segurança, conforto e *status* social.

Escolhi a pista porque era mais barato. Me senti uma sardinha, muito apertada. Não tive nenhum conforto (ALESSANDRA DUNA, foliona “pista”).

Assim como na Micarande, o Balança Campina reproduz relações de poder e quadro de exclusão. Existe uma hierarquia de valores mediada pelo poder de compra. Os “vip’s”

talvez representem os foliões dos blocos oficiais (como Spazzio, Cerveja e Coco) por serem mais elitistas e possuírem um alto padrão de compra. Os “pistas” representam os foliões dos blocos alternativos ou da prefeitura (Laranja e Cravo) por serem mais populares e cobrarem preços baixos para compra de abadas e as pessoas à margem dos portões (área externa) seriam os “pipocas” da Micarande, já que são impedidos de participar formalmente da festa.

As pessoas vão a mesma festa, teoricamente no mesmo ambiente, porém, uma vestimenta (abadá) faz toda a diferença. As pessoas que procuram o camarote vip buscam *status* social, sentem-se superiores aos demais e podem inclusive, circular na área da pista, sendo que o contrário não ocorre. Aquelas pessoas de menor poder aquisitivo buscam a área da pista, e podem desfrutar das atrações do evento tal qual comunidade "vip". É dedutível que a área da pista é bem mais numerosa (TELMA LÚCIA, foliona “pista”).

Nessa nova configuração da festa, os palcos substituíram os trios elétricos, as grades de ferro substituíram os cordões de isolamentos, eliminando qualquer forma de acesso e participação do folião não pagante. A mobilidade exercida pelos foliões durante o percurso da festa cede lugar aos espaços hermeticamente fechados do Balança Campina.

Em entrevista, uma folia da Micarande em edições passadas, que ficou à margem das grades durante a nova festa, ressalta a indignação por ser impedida de participar:

O espaço público deve ser de todos. Existe injustiça nesta festa. Eu ainda preferia Micarande porque eu brincava mais e tinha direito de participar (ROSÂNGELA MARIA).

Enquanto uns demonstraram indignação e revolta por não poder participar da festa, outros se manifestam de maneira feliz e orgulhosa por ocupar uma posição de destaque:

Por motivo de segurança e comodidade escolhi o camarote Vip. O espaço Vip representa pra mim um lugar onde fico habituado, onde existem pessoas de classe social diferenciada e onde me sinto seguro. Nele me sinto uma pessoa bem mais valorizada, porque pista é como o povo fala, é a “farofada” e o camarote é aquela coisa mais reservada, mais fechada” (JOALISSON SOUSA, folião Vip).

Assim, liberdade e imobilidade se confundem e se contradizem nos espaços da festa. Ação e interação são intermediadas por grades e pela cor do abadá (azul ou vermelho). Os foliões agem, mas pouco interagem. As grades da festa poderiam ser comparadas as cercas

elétricas, muros altos, câmeras, grades, portões, cães de guarda, vidros, pregos e tantos objetos que segregam as relações sociais enquanto se buscam segurança e proteção. De um lado, os excluídos (seja na festa ou na vida diária) querem participar ativamente do reino do consumo, enquanto do outro, os incluídos se fecham em suas grades (sejam em festas ou na vida cotidiana) e querem, acima de tudo, proteção, não importa o preço a se pagar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade moderna vive um impasse: em busca de segurança diante de um mundo caótico e bárbaro a elite e a classe média optaram pela imobilidade, com equipamentos modernos e uso intensivo de cães de guarda e seguranças particulares. Enquanto isso, as classes sociais desprovidas de dinheiro são relegadas e negligenciadas pelo Estado numa onda de violência, medo e desespero que caracterizam os lugares. Da micro à macro escala o mundo é acobertado por regras (regras de conduta, de bem viver, de comportamento, de trabalho e por aí vai...) na teoria e por uma guerra bárbara na prática, ausente de princípios de legalidade a quem se recorrer, com aguçamento de egoísmos, intolerância, vontade de crescer a qualquer custo, competição desgastante - ausente de valores morais e éticos, com supressão da solidariedade e respeito ao próximo, entre outras coisas, que dificultam a prática da democracia, da civilidade e cidadania, e de uma convivência harmoniosa (ou pelo menos tolerante). A festa não foge à regra da sociedade do consumo. Com ela, códigos e significados são construídos e reconstruídos cotidianamente. Se tratando de micaretas, um tipo de festas predominantemente nordestina, verificamos sua constituição interior conflituosa, onde há separação de classes através de cordões de isolamento, muros ou grades, de acordo com o poder de consumo de cada um, seja em espaços privados ou públicos. Por possuir um calendário social rico e diversificado, voltado para o turismo de eventos, Campina Grande é conhecida nacionalmente. Alguns de seus eventos como o “Maior São João do Mundo” e a “Nova Consciência” tem grande poder de atração turística. Desde 1990, a Micarande, carnaval fora de época da cidade, também fazia parte deste grupo de eventos, mas em 2009 deixou de existir diante dos altos custos demandados, da diminuição do público e das dificuldades de encontrar patrocinadores. Em seu lugar, novos eventos surgiram dos quais o Balança Campina pode ser considerado seu substituto. O maior impasse dessa festa encontra - se na forma de acesso e participação das pessoas, pois ele é realizado em espaço público (no Parque do Povo), portanto de todos na forma de lei. Grades altas e seguranças particulares são responsáveis pelo controle e acesso do espaço: nele só entra as pessoas que compraram abadas. Na área interna do evento, novas

grades são divisoras de grupos sociais: os foliões Vip's (aqueles que possuem o maior poder de consumo, que pagam até três vezes mais pelo espaço ocupado e tem livre acesso aos espaços da festa) e os foliões Pista (de menor poder aquisitivo, que tem seus espaços delimitados). Palcos, músicas, cantores e grupos musicais renomados, mini trio e camarotes conduzem o encanto e a magia passageira do evento, que é acobertado pela mídia e apoiado pelos políticos, em troca de divulgação de seus nomes nos palcos. Enquanto isso, à margem das grades se encontram alguns vendedores ambulantes e grupos de pessoas desprovidos de dinheiro para comprar abadas, vistos de forma estereotipada pelos dois grupos da área interna do evento. “é uma injustiça!” lamentou uma entrevistada deste grupo.

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. 2001. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUMAN, Z. 2004. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar.

BEZERRA, A.C.A. 2004. **Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades**. Rio de Janeiro:UFF.

CARDOSO, C.A.A. 2000. A Cidade e a Festa no Interior do Nordeste: Espetáculo de Poder, Modernização e Transformação. **Tese** (doutorado). Doutorado em Geografia Humano - USP: São Paulo.

CDL quer privatizar Micarande em Campina Grande. Disponível em: <http://www.paraiba.com.br>: Acesso em: 28/09/2009.

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO DE CAMPINA GRANDE - PB. 2006. **A História da Micarande**. Campina Grande.

DEPARTAMENTO DE TURISMO DE CAMPINA GRANDE - PB. 2006. **Micarande 2006: A Folia Campeã do Brasil**. Campina Grande.

HOLANDA, S.B. de. 2005. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras.

MUNFORD, L. 1965. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Itatiaia.

RODRIGUES, L.M. 2007. Micarande – Carnaval Fora de Época de Campina Grande: o evento e a cidade. **Monografia** (graduação). Graduação em Geografia: Campina Grande: UEPB.

LIMA, FRANCISCO D.S. de. 2007. **O Processo de Segregação Sócio-econômico – espacial da Micarande**. Campina Grande:UEPB.

PEREIRA FILHO, S.F. 2006. Micarande: Festa do Povo? **Dissertação** (Mestrado). Mestrado em Ciências Sociais – UFRN. Natal.

SÁ, A.J. de (Org). 2009. O Ressurgimento dos espaços de cidadania, civilidade e liberdade no Brasil: Uma via com saídas nas encruzilhadas dos labirintos das geografias da violência e do medo? **Nas Geografias da Violência... O renascer dos espaços de civilidade?** Recife: UFPE.

SÁ, A.J. de; LIMA, F.D.S. de. 2009. A Micarande e suas territorialidades: As Marcas da Incivilidade no Espaço Público da Festa. **Nas Geografias da Violência... O renascer dos espaços de civilidade?** Recife: UFPE.

SENNETT, R. 1998. The Corrosion of Character: **The Personal Consequences of Work in the New Capitalism**. New York. Norton & Co.

SOUZA, F. 2005. **Veneziano e Cássio Disputam Palmo a Palmo Chão da Micarande**. A Palavra. Campina Grande. p. 3.

<http://www.pbeventos.com.br>: **Micarande 2009 será Indoor**. Acesso em: 22/09/2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/civilidade>. **Categoria: Sociologia**. Acesso em 18 de novembro de 2009.

<http://www.portalsol.net/o-maior-sao-joao-do-mundo>.